

## O LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS COMO INSTRUMENTO MEDIADOR PARA O LETRAMENTO

Gizelle Macedo<sup>1</sup>

Ronei Guaresi<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo desse artigo é analisar um livro didático de língua portuguesa, observando se ele utiliza gêneros textuais e de que forma ele os explora. Para tanto, foram discutidos os conceitos de alfabetização e letramento, com base no que diz Mary Kato, Leda V. Tfouni e Magda Soares. O nosso trabalho também tem como objetivo mostrar a definição de gêneros textuais, para, a partir de então, analisarmos o letramento como apropriação desses gêneros. Foi possível depreender, no decorrer da pesquisa, que é de fundamental importância que o ensino de língua portuguesa tome como base o que prega o letramento, pois, o trabalho com gêneros faz com que o aluno conviva, na escola, com situações reais de uso da língua, facilitando, assim, a aprendizagem.

**Palavras-chave:** Gêneros textuais. Letramento. Livro didático. Ensino.

**Abstract:** *The aim of this paper is to analyze a textbook of English language, noting if it uses text genres and how it exploits them. Therefore, the concepts were discussed literacy and literacy, based on what Mary says Kato, Leda V. Tfouni and Magda Soares. Our work also aims to show the definition of genres, for, from then on, we analyze the literacy and appropriation of genres. Anecdotal evidence, during the research, which is of fundamental importance that the Portuguese language teaching build on what you preach literacy therefore working with genres makes the guest student at school with real situations of use the tongue, thereby facilitating learning.*

**Keywords:** *Text genres. Literacy. Textbook. Teaching.*

O domínio da linguagem é uma faculdade primordial para a interação em uma sociedade letrada. Nesse contexto, o ensino da leitura e escrita deixa de ser tratado como simples atividades de decodificação e reconhecimento, passando ao patamar da compreensão e inserção dos sujeitos na sociedade.

Direcionando o olhar para o ensino de língua portuguesa nas escolas, a partir do que é denominado por letramento(s), neste texto, realizaremos uma discussão acerca das concepções atribuídas a alfabetização, letramento e gêneros textuais, relacionando-os ao livro didático de língua portuguesa.

Com base nisto, iniciarei o texto mostrando os principais pontos sobre os conceitos atribuídos a alfabetização e letramento, para, a partir de então, relacioná-los ao ensino de língua portuguesa. Em seguida analiso um capítulo de um livro didático de

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

<sup>2</sup> Professor Doutor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Língua portuguesa do sexto ano do ensino fundamental, com o objetivo de observar se as perspectivas do letramento estão presentes no livro em questão. Por meio desta análise pretendo consolidar a ideia de que o letramento ocorre a partir da apropriação de um gênero, ou seja, de uma prática de linguagem.

### **Alfabetização e letramento: origem, conceitos e direcionamentos**

Mary Kato (1986) foi a primeira autora a tratar do termo “letramento” no Brasil, por meio de sua obra “No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística”. Nesse livro, a autora associa o letramento a formação de cidadãos letrados, capazes de se valer da escrita a fim de suprir suas necessidades individuais:

A função da escola, na área da linguagem, é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado, isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender as várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação. (Kato, 1986, p. 7).

A partir desse trecho é possível inferir que o letramento está intimamente ligado ao domínio individual do uso da linguagem escrita.

Mais tarde, Leda V. Tfouni em “Adultos Alfabetizados: O avesso do avesso” atribui sentido ao termo letramento. Segundo a autora, o letramento está ligado às práticas sociais de leitura e escrita e as mudanças sociais decorrentes dessas práticas. Tfouni define alfabetização como aquisição da escrita enquanto habilidades de aprendizagem para a leitura, que se difere do letramento por conta deste investigar os aspectos sócio históricos da aquisição da escrita.

Magda Soares (2003), por sua vez, fala das mudanças pelas quais o conceito de alfabetização vem passando nos últimos anos, uma vez que atribuir a esse termo somente a função de decodificação de uma língua não foi suficiente para as necessidades de uma sociedade desenvolvida. Desse modo, a capacidade de decodificação do sistema linguístico significa que o indivíduo passou apenas por uma primeira etapa para a inserção no mundo letrado:

Letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e de escrita. É o estado ou condição que adquire um grupo social, ou um indivíduo, como consequência de ter se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. Apropriar-se da escrita é torná-la própria, ou seja, assumi-la como propriedade. Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado, pois ser letrado implica em usar socialmente a leitura e a escrita e responder as demandas sociais de leitura e de escrita.

Sendo assim, a palavra letramento surgiu influenciada pela expressão inglesa “literacy”, que significa condição de um indivíduo ser letrado. É um termo novo no âmbito da educação e das ciências linguísticas. Palavra utilizada para se referir ao uso da escrita e leitura fora dos limites da escola, pois, estes estão presentes em todos os lugares e situações que envolvem nosso cotidiano.

Partindo do princípio de que o sujeito letrado é aquele que domina a língua para além do sistema alfabético, nota-se que a pessoa letrada passa a ter outra condição social e cultural, ou seja, esse indivíduo começa a estar inserido de outra maneira na sociedade, mudando seu modo de viver, suas relações com o outro, com o contexto e com o meio cultural. O indivíduo letrado é, portanto, aquele que possui a capacidade de fazer uso da leitura e escrita em meio às práticas sociais do seu cotidiano, lembrando que é possível um sujeito ser alfabetizado sem ser letrado, ou vice-versa. Tornar-se letrado traz como consequência modos de pensar e se comportar diferentes de uma pessoa iletrada, além de levar os sujeitos a outro estado social, cognitivo, cultural e linguístico. Dessa forma, compreende-se que, a depender do contexto social e cultural em que cada indivíduo esteja inserido, os níveis de letramento vão se modificando, pois, cada sujeito possui uma realidade diferente.

Após o surgimento do letramento, estudiosos passaram a pensar a leitura e a escrita de maneira diferente, pois, a linguagem começou a ser vista por eles como um processo dinâmico, que ocorre em contextos significativos de atividade social. É importante lembrar que não se deve levar em consideração somente o que uma pessoa possui de individual, mas contexto de que faz parte.

O fenômeno do letramento está sendo inserido ao vocabulário educacional, o que significa que já temos em mente a ideia de que educação não é somente ensinar a ler e escrever, mas, principalmente, levar os indivíduos a utilizarem a leitura e a escrita em meio às práticas sociais.

## O gênero textual

Com base em dados históricos, sabe-se que, anteriormente, existia um conjunto limitado de gêneros, fato que veio a se modificar após a invenção da escrita alfabética, em meados do século VII A. c., o que decorreu no surgimento dos gêneros específicos da escrita. Mais a frente, a partir do século XV ocorre uma expansão ainda maior em relação aos gêneros, desta vez, por conta da cultura impressa, expansão que se intensifica ainda mais com a fase da industrialização, no século XVIII.

São inúmeros os gêneros textuais existentes, e todos os dias utilizamos vários deles como práticas sociais. Mesmo sem perceber, estamos a todo o momento utilizando-os, seja numa conversa, face a face ou virtualmente, seja num bilhete que escrevemos etc. Os gêneros fazem parte da nossa vida, já que estamos, a todo momento, falando ou escrevendo por meio de um gênero textual.

As esferas humanas e a utilização da língua estão sempre relacionadas. Com caráter e modos diferentes, essa utilização se dá em forma de enunciados que espelham as especificidades das mais variadas esferas humanas, como o estilo, o conteúdo e a construção composicional. Levando isso em conta, Bakhtin(1997), define os gêneros do discurso como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, elaborados pelas esferas da atividade humana, isto é, escrevemos ou falamos em forma de texto e esse texto é organizado em gêneros do discurso. Dessa forma, são vários os gêneros do discurso, diríamos incontáveis, já que por serem “relativamente estáveis”, estão sempre se desenvolvendo, se modificando e cada vez mais novos gêneros e esferas humanas estão surgindo.

Essa heterogeneidade dos gêneros levou Bakhtin (1997) a fazer a divisão entre os gêneros primários e os gêneros secundários. Ambos possuem a mesma composição, mas se diferem no grau de complexidade. Os gêneros primários (simples) são aqueles que se constituem em circunstâncias cotidianas espontâneas, como a cartas, o bilhete etc. Já os gêneros secundários (complexos) são aqueles constituídos de uma constituição cultural, como o romance, o teatro etc. Durante seu desenvolvimento, os gêneros secundários absorvem os primários, o que faz com que estes percam seu caráter imediato e incorpore o caráter de cunho cultural dos gêneros secundários. Teoricamente, essa diferença entre os gêneros primários e secundários tem grande importância para

Bakhtin, pois é através da análise dos dois gêneros que se pode explicar a natureza do enunciado. Segundo o autor, deixar de lado “a natureza do enunciado e as particularidades de gênero (...) enfraquece o vínculo entre a língua e a vida.” (BAKHTIN, 1997, p. 282).

Para Marcuschi, a identificação dos gêneros tornou um problema devido à variedade a que chegaram, sendo que, um mesmo gênero pode assumir a função de outro. Essa mescla, portanto, é chamada pelo autor, de intergenericidade. Dessa forma, esse fenômeno resulta em uma função se sobressaindo à forma, no que tange a determinação do gênero textual.

É comum, entre professores de Língua Portuguesa a confusão de gêneros com tipos textuais. Para Marcuschi, os tipos textuais são sequências linguísticas que caracterizam os gêneros. São eles: o tipo narrativo, o argumentativo, o expositivo, o descritivo e o injutivo. Os tipos, diferentemente dos gêneros, têm um número limitado e não são realizados de forma homogênea em um texto. Em outras palavras, um texto não possui somente um, mas dois ou mais tipos textuais. Desta maneira, os gêneros são tipologicamente heterogêneos.

Como já dito, um texto possui vários tipos textuais. Entretanto, Marcuschi deixa claro que a heterogeneidade tipológica deve ser distinguida da intergenericidade, pois são fenômenos diferentes que se caracterizam, respectivamente, quando um gênero possui a presença de vários tipos textuais e quando um gênero assume a função de outro. Assim, enquanto os gêneros são textos materializados por meio de práticas sociocomunicativas e que possuem uma função numa situação comunicativa, os tipos são construções teóricas definidas por sua natureza linguística. Os gêneros são incontáveis, já os tipos, não.

Em suma, conhecer os gêneros do discurso é imprescindível para quem pretende consolidar as práticas de letramento, pois, todo texto com que nos deparamos ou produzimos pertence a algum gênero. Sendo assim, fica claro que o ensino embasado em gêneros textuais é uma ferramenta preciosa para sucesso do letramento.

## **O letramento e a apropriação dos gêneros textuais**

A linguagem em suas várias facetas é a responsável pela interação humana. Sendo assim, essa diversidade que envolve a linguagem se manifesta nas demonstrações do saber. Neste contexto, os gêneros do discurso ou gêneros textuais podem ser vistos como uma nova forma unir conteúdo a vida social e cultural, levando o aluno a associar os conhecimentos internalizados aos novos conteúdos, o que torna significativa para o aluno a aquisição de novos conhecimentos.

Para que a aprendizagem ocorra em contexto de letramento é necessário, portanto, que o ensino não se esgote nos conteúdos, mas passe a interferir na formação crítica do aluno, isto por meio da utilização das várias formas de linguagem empregadas pelos aprendizes, pois, de acordo com Barcellos (2007) é necessário que nós, direcionemos o olhar não apenas para a linguagem verbal, mas também para a linguagem não verbal, para assim, auxiliar o aluno tanto na interpretação do verbal quanto no que diz respeito ao não verbal e paraverbal. Ainda para a autora, ações como essas impedirão que os alunos continuem a sair do ensino médio sem saber ler nas entrelinhas e sem conseguir associar o conhecimento adquirido na escola com o conhecimento de mundo que já possuem.

Para tanto, Barcellos (2007) sugere que passemos a utilizar materiais oriundos da mídia, ou seja, charges tirinhas, televisão etc., além de escolher textos que façam parte do universo do nosso público alvo. Desse modo, a autora afirma que os alunos sairão do automático e passarão a pensar de forma mais autônoma.

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), adequamos a nossa fala ou a nossa escrita em uma dada situação comunicativa. Para os autores, as diferentes condições de produção são o motivo pelo qual os textos se diferenciam entre si, sejam eles orais ou escritos. Produzimos textos com características semelhantes quando a situação de comunicação também é semelhante, lembrando que os gêneros desses textos são aqueles reconhecíveis pelos que participam da prática comunicativa.

Partindo desse pressuposto, Schneuwly e Dolz apresentam uma proposta para o ensino de gênero: a sequência didática. Os autores definem-na como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (2004, p. 97) e afirmam que o objetivo das sequências didáticas é ajudar o aluno a ter um maior domínio sobre um gênero textual e, assim, permitir-lhe adequar a sua fala ou a sua escrita a uma determinada situação comunicativa.

---

Num primeiro momento, faz-se a *apresentação da situação* descrita em maiores detalhes para que os alunos compreendam a atividade a ser realizada. Em outras palavras, o professor apresentará o gênero textual a ser trabalhado em sala para que, em seguida, os alunos produzam algo que sabem sobre tal gênero e construam uma representação daquilo que está sendo apresentado.

Será a *produção inicial* o ponto de partida para o professor realizar o seu trabalho, pois é através dela que ele poderá avaliar as dificuldades ou facilidades dos alunos, percebendo o conhecimento que cada um possui a respeito ao gênero apresentado e, assim, ajustar a atividade à realidade deles. Será nessa etapa também que os alunos já poderão entender o que é uma sequência e, conseqüentemente, desenvolver capacidades para o melhor domínio do gênero a ser trabalhado.

Na *produção final*, o aluno colocará em prática tudo o que foi feito e aprendido nas atividades que constituem os *módulos*. O professor e também os alunos poderão, nessa etapa, avaliar o progresso, se houve construção do conhecimento do gênero trabalhado e se obteve ou aperfeiçoou capacidades linguísticas.

Portanto, uma das possibilidades de o aluno aprender sobre gêneros textuais e dominá-los podem ser por meio das sequências didáticas. Essa estratégia didática é um facilitador do trabalho realizado pelos professores e também pelos alunos.

### **O livro didático: alfabetização ou letramento?**

Como já dito anteriormente, a linguagem é construída por meio da interação, o que significa que cada situação requer ações específicas. Sendo assim, o ensino de língua portuguesa também deve ser contextualizado de acordo com cada situação, isto por meio dos gêneros textuais, que deverão aproximar os alunos das situações diárias de uso da linguagem. Dessa forma, os livros didáticos também devem estar sincronizados a infinidade de gêneros textuais presentes na sociedade, já que ele é um dos principais instrumentos utilizado pelos professores.

De acordo com Bunzen (2007), o Livro Didático é considerado um instrumento que organiza os objetos de educação essenciais para o ensino de Língua Portuguesa. Ainda para ele, diversos interesses circundam a produção, a avaliação e a circulação desse instrumento de ensino.

O PNDL, que é a avaliação da composição dos livros didáticos coordenada pela secretaria da educação fundamental, traz como requisitos essenciais para a composição do livro didático a exposição da proposta metodológica, a realização dessas propostas, a mobilização e o desenvolvimento do maior número possível das capacidades básicas do pensamento autônomo e crítico, a articulação pedagógica entre os diferentes volumes que integrem uma coleção e a percepção da relação entre o conhecimento construído e suas funções na vida social.

Quanto ao que se refere aos gêneros textuais, o PNDL ressalta que o objetivo que se busca com esse tipo de trabalho é a leitura fluente e prazerosa de textos mais longos e exigentes, assim como o reconhecimento e domínio oral e escrito dos gêneros trabalhados.

O PNDL deixa claro que “As práticas de uso da linguagem, isto é, as atividades de leitura e compreensão de textos, produção escrita e de produção e compreensão oral, em situações contextualizadas de uso devem ser prioritárias na produção de livros didáticos.” (2008, p. 12). Ainda como prioridades do livro didático estão as práticas de reflexão sobre a língua e linguagem, a construção correlata de conhecimentos linguísticos e a descrição gramatical, de forma que se façam necessários e significativos para a construção dos sentidos do texto.

É evidente a importância do livro didático para o ensino de língua portuguesa, entretanto de acordo com o PNDL não se pode admitir que o trabalho com o material se sobreponha ao trabalho do professor, pois este deve utilizar o livro de várias formas, seja alterando ou acrescentando sequências e atividades. O fato é que, o LD é o principal instrumento utilizado pelo professor, e o que se pretende com os estudos em relação a ele é saber em que medida se tem atendido as necessidades discursivas do aluno.

## **Metodologia**

Com base no que já foi abordado anteriormente, será feito nas duas próximas sessões desse artigo a análise de uma unidade de um livro didático, que atualmente, vem sendo utilizado em escolas públicas.



O livro em questão é intitulado “Projeto Araribá Português”, destinado ao 7º ano do ensino fundamental, antiga 6ª série, de autoria de Áurea Regina Kanashiro e da editora Moderna. Estruturalmente falando, o livro está dividido em oito unidades, intituladas: “A personagem no texto narrativo”, “O tempo no texto narrativo”, “A descrição de personagem e de cenário”, “A entrevista”, “Estruturas do tempo expositivo”, “Componentes básicos da argumentação”, “As imagens na poesia” e “Os apelos da publicidade”.

A unidade a ser analisada será a unidade quatro, denominada “A entrevista”, que se inicia com uma imagem sugestiva, acompanhada de questões relacionadas a ela. Nesse início de unidade o livro já apresenta dois gêneros: A imagem e a entrevista, através de uma atividade.

Em seguida, o livro traz na parte de leitura uma entrevista com um ator de um filme conhecido pelos jovens: Daniel Radcliffe, que atuou como Harry Potter. Após a entrevista, é proposto o estudo do texto, por meio de perguntas, que exploram aspectos do gênero entrevista. Dentro da atividade proposta, a autora do livro ainda explora outra entrevista, desta vez, com a atriz brasileira Débora Falabella. Posteriormente, o livro traz a parte de produção de texto, que contempla mais uma entrevista, acompanhada de questões, para então solicitar que o aluno faça sua própria entrevista.

A próxima etapa da unidade traga pelo livro é o estudo da língua, que trabalha o modo subjuntivo, por meio de poemas, e o modo imperativo, que por sua vez, é trabalhado através de uma tirinha. Essa parte é finalizada com atividades.

A parte seguinte é intitulada “Gramática em contexto”. Nessa parte, o autor explora o anúncio publicitário como gênero a ser estudado pelos alunos por meio de questões. A parte de leitura é composta, mais uma vez, por uma entrevista retirada do suporte jornal, que será explorada por meio de questões. Como proposta para a produção o livro traz a produção de um texto sobre o perfil de um empresário para ser publicado em um jornal. Essa parte apresenta informações a respeito desse empresário para subsidiar a produção.

O segundo conteúdo gramatical que compõe o estudo de língua da unidade é a preposição, que é abordada através de pequenas explicações e esquemas. Esse conteúdo é finalizado com atividades, que apresentam os gêneros charge e tirinha como textos a serem analisados para a resolução das atividades.

---

A parte de ortografia da unidade trabalha com a acentuação de “i” e “u” nos ditongos abertos e hiatos e também é composta por tirinha.

Ao final do capítulo aqui estudado, o autor do livro propõe a realização de um projeto em equipe aos alunos. A proposta desse projeto é a utilização do que aprenderam durante a unidade para a produção de um programa de entrevistas de TV ao vivo. Como orientação para o projeto o livro traz explicações sobre: “Como será o programa”, “Organização do trabalho”, “Criação da personagem celebridade”, “Criação da personagem entrevistador”, “Montagem do programa”, e “Avaliação”.

### **Projeto Araribá Português em questão**

Ao analisarmos uma unidade do livro “Projeto Araribá Português”, foi possível perceber que a autora se baseou em pressupostos teóricos para a produção desse recurso didático. O primeiro aspecto observado na unidade em questão foi a abordagem sociointeracionista da aprendizagem, uma vez que, a linguagem se constrói a partir da interação pessoal e o ambiente de construção dessa aprendizagem é meio cultural em que o indivíduo se constitui como cidadão.

Quanto a esse aspecto Campedelli (2009) diz que, o trabalho baseado na vida cultural do aluno faz com que ele amplie seu conhecimento tanto em relação a si, quanto aos outros, passando a dominar as diversas formas de linguagem, sendo ao mesmo tempo receptor e produtor de textos diversos.

A forma como a autora constrói o livro confirma a definição de Bakhtin de que os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados utilizados em diferentes situações de comunicação”, pois, a unidade analisada foi composta com base nos diversos gêneros que estão atualmente presentes na vida dos alunos, sendo que, a forma como produzimos nosso discurso ou escrevemos se transforma em gêneros do discurso.

A composição da parte do livro aqui analisada dialoga também com o que Barcellos defende quando fala da utilização não apenas da linguagem verbal, mas também da linguagem não verbal e paraverbal (Fig. 1), uma vez que, é necessário que o aluno saia da escola preparado para entender e interpretar as mais diversas formas de linguagem.

### **Figura 1 – Linguagem não verbal**



Observando o desenvolver da unidade é possível perceber que a autora segue o que Schneuwly e Dolz chamam de sequência didática, que segundo eles é “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (2004, pág. 97). Percebe-se que a autora apresenta o gênero entrevista e explora esse gênero no decorrer da unidade, sem deixar de expor aos alunos outros gêneros textuais, o que segundo os autores estudados, faz com que os alunos tenham um maior domínio sobre determinado gênero.

Em relação às atividades propostas, é possível perceber que a autora objetivou que o aluno adquirisse a habilidade de ler nas entrelinhas, além de despertar neles o senso crítico, como no exemplo da Fig. 2, a seguir.

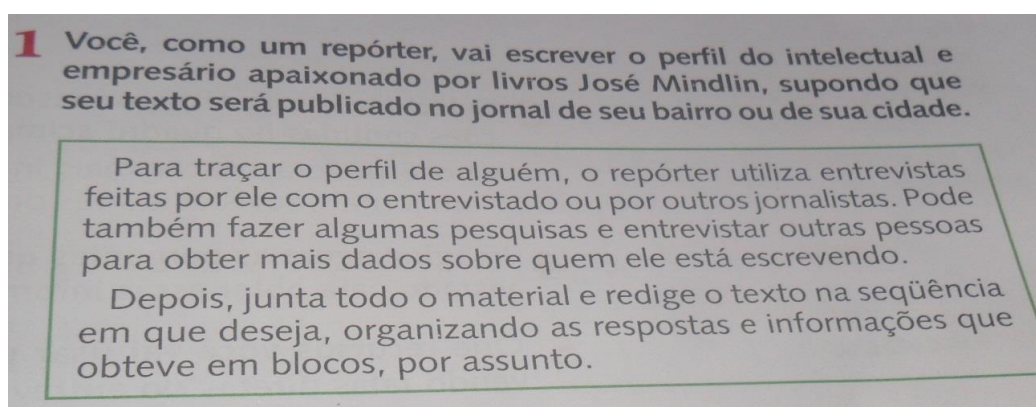
### **Figura 2 – Linguagem subjetiva**



Como observado anteriormente, parece que a maioria das atividades buscam uma maior compreensão dos alunos, e não dão apenas respostas prontas, explícitas no gênero trabalhado.

Quanto às produções textuais, o livro apresenta textos informativos, para, a partir deles, propor que alunos façam entrevistas e produzam perfis, sempre ressaltando em que suporte suas produções estarão vinculadas, ou seja, onde os gêneros escritos por eles costumam estar vinculadas, como na Fig. 3, abaixo.

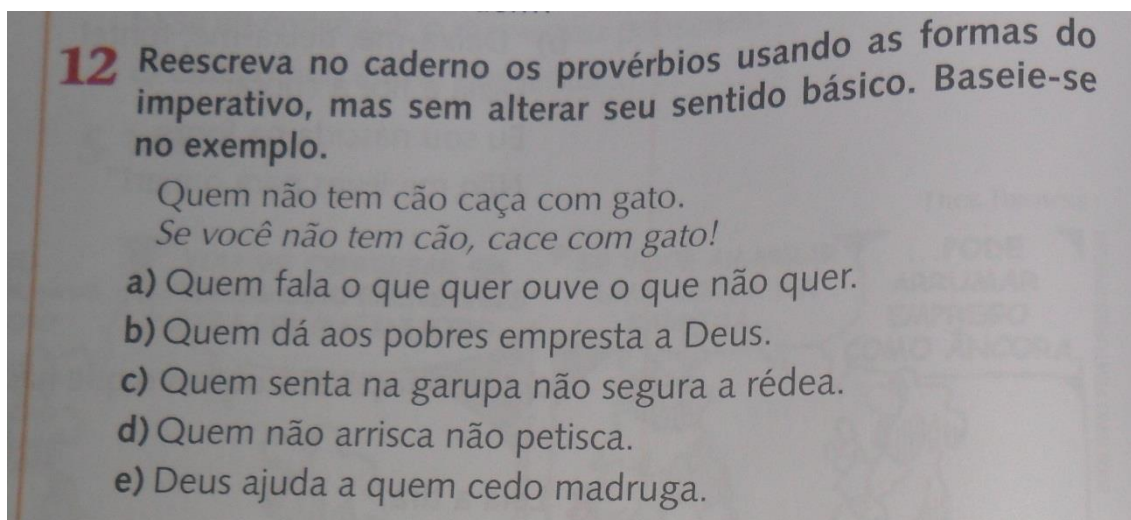
**Figura 3 – Textos informativos**



A abordagem dos conteúdos gramaticais também se enquadra no que é denominado como letramento, pois, tirinhas e provérbios são alguns dos gêneros

utilizados para a fixação da parte gramatical presente no capítulo aqui analisado, o que para Soares (2003), faz com que o aluno domine a língua além do sistema alfabético. Observe, na Fig. 4, uma das atividades gramaticais da unidade.

**Figura 4 – Abordagem gramatical**



Com base nesses exemplos, é possível concluir que o livro didático em questão se enquadra no que o PNDL sugere, quando deixa claro que o LD deve trabalhar com leitura e compreensão de textos, produção escrita e de produção e compreensão oral, em situações contextualizadas de uso.

Desse modo, a forma como a autora produziu esse livro dialoga com o que já foi exposto nesse trabalho, em relação aos gêneros e a importância da exploração desses gêneros no ensino de língua portuguesa.

### **Palavras finais**

Foi possível observar, no decorrer desse trabalho, que o livro didático aqui utilizado nesse trabalho possui gêneros textuais significativos para o público alvo, ou seja, os alunos, o que facilita as possibilidades de aprendizagem, promovendo a eles a convivência com situações reais de uso da linguagem, por meio da infinidade de gêneros textuais transpostos para o livro a que eles tem acesso.

Nesse mundo, em que a cada dia surgem novidades, novas formas de comunicação e conseqüentemente, novos gêneros textuais, é preciso que o profissional de educação acompanhe esse universo de rápidas mudanças que o jovem atual está inserido. Sendo assim, o material didático que dará suporte a esse profissional também deve acompanhar todas essas modificações pelas quais o ambiente educacional vem passando.

O livro “Projeto Araribá Português” é um exemplo de como os gêneros estão sendo inseridos na educação e nos livros didáticos de língua portuguesa, o que demonstra que o ensino em contexto de letramento também depende do livro didático. Cabe, portanto, aos profissionais de educação utilizar esse recurso como uma ferramenta, sempre explorando todas as possibilidades de letramento que ele possui da melhor forma possível, sem se prender apenas ao LD, mas buscando sempre se adequar às necessidades do aluno.

## Referências

- SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais e ensino de língua*. UFPE: 2002.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEWULY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- KANASHIRO, Á. R. *Projeto Araribá Português*. São Paulo: Editora Moderna, 2006.
- TFOUNI, L. *Adultos não-alfabetizados: o avesso do avesso*. São Paulo: Pontes, 1988.
- KATO, M. *No mundo da escrita*. São Paulo: Ática, 1986.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Guia de livros didáticos PNLD 2008: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, 2007.